



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO - UEMA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE COLINAS - CESCO
CURSO DE ENFERMAGEM BACHARELADO**

ANA CAROLINA MELO DE ASSUNÇÃO

**ALEITAMENTO MATERNO: BENEFÍCIOS, DIFICULDADES E DESAFIOS NO
CENÁRIO PANDÊMICO DA COVID-19**

Colinas-MA

2023

ANA CAROLINA MELO DE ASSUNÇÃO

**ALEITAMENTO MATERNO: BENEFÍCIOS, DIFICULDADES E DESAFIOS NO
CENÁRIO PANDÊMICO DA COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado como requisito para obtenção do
título de Bacharel em Enfermagem pela
Universidade Estadual do Maranhão –
Campus Colinas (UEMA/CESCO).

Orientador: Me. Francly Waltília Cruz Araújo

Colinas – MA

2023

Assunção, Ana Carolina Melo de.

Aleitamento materno: benefícios, dificuldades e desafios no cenário pandêmico da Covid-19 / Ana Carolina Melo de Assunção. – Colinas, MA, 2023.

... f

Monografia (Graduação em Enfermagem) – Universidade Estadual do Maranhão, Campus Colinas, 2023.

Orientadora: Profa. Francy Waltília Cruz Araújo.

1.Aleitamento materno. 2.Desmame. 3.Covid-19. 4.Assistência da enfermagem. 5.Saúde pública. I.Título.

CDU: 613.287.1:616-036.21

ANA CAROLINA MELO DE ASSUNÇÃO

**ALEITAMENTO MATERNO: BENEFÍCIOS, DIFICULDADES E DESAFIOS NO
CENÁRIO PANDÊMICO DA COVID-19**

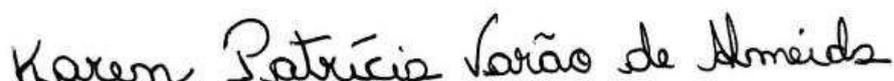
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado como requisito para obtenção do
título de Bacharel em Enfermagem pela
Universidade Estadual do Maranhão –
Campus Colinas (UEMA/CESCO).

Aprovado em: 16/ 06 / 2023

Banca Examinadora



Prof. Me. Michele Gonçalves Costa
Mestre em Saúde Pública
Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz



Prof. Esp. Karen Patrícia Varão de Almeida Oliveira
Especialista em Obstetrícia e Neonatologia
Centro Universitário do Maranhão

 **FRANCY WALTILIA CRUZ ARAUJO**
Data: 02/04/2024 10:38:20-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Me. Francly Waltília Cruz Araújo
Mestre em Saúde Pública
Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz

Colinas – MA

2023

Dedico esse trabalho a toda minha família, sobretudo a minha mãe, que sempre acreditou quando eu já não acreditava mais em mim durante essa caminhada. Mãe, você é exemplo de pessoa, e é com muito amor que lhe dedico esse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Em especial a Deus por seu amor incondicional comigo, nunca permitindo que eu fraquejasse diante dos obstáculos em todos esses anos, pela minha saúde força e sabedoria para que eu concluísse este trabalho.

Aos meus pais Sebastião e Maria Francisca pelo incentivo e por tornar esse sonho realizado, em especial a minha mãe por seu alicerce, por seu amor, carinho e incentivo nos momentos de cansaço e que não me sentia mais capaz, a senhora foi minha maior incentivadora.

As minhas irmãs Késia, Fernanda e Kamila somos diferentes e complementares, sou grata pelo apoio e cumplicidade de vocês, obrigado por fazerem parte da minha vida.

Ao meu amado filho João Victor por aguentar minha ausência em vários momentos, pelo amor e afeto demonstrado no dia a dia, todo esse esforço é por você.

A meu esposo Antônio Carlos companheiro de todas as horas pela compreensão, amor, paciência e zelo durante todos esses anos, sua ajuda foi fundamental para realização deste sonho.

A minha orientadora Franczy Watília que conseguiu me guiar ao decorrer desse percurso, pela dedicação do seu tempo, por fornecer conhecimento e orientação ao longo deste trabalho.

As minhas amigas Vanessa, Noélia Borges, Kayla Cristina, Eglianny, Fernanda Sousa e Ana Karla vocês tornaram os dias de estudos mais leves e juntos vencemos mais esta etapa, as lembranças vividas nesses anos serão levadas para sempre em minha memória.

Estendo meus agradecimentos aos professores da Universidade Estadual do Maranhão UEMA Campus Colinas e o curso de Enfermagem Bacharelado pelo suporte, seus ensinamentos foram muito importantes para minha formação. Guardarei todos em meu coração.

Obrigada a todos!

“A persistência é o caminho do êxito.”
(Charles Chaplin)

RESUMO

Recentemente o mundo passou pela pandemia da COVID-19, o que implicou em desafios aos profissionais da saúde, especialmente da enfermagem. A prática do aleitamento materno foi um desses desafios, pois com o isolamento físico adotado como medida de contenção do coronavírus dificultou nas trocas entre profissionais e lactantes, o que implicou ao desmame precoce. Com isso, esse estudo busca identificar as dificuldades e os desafios a serem enfrentados no processo de amamentação a partir da pandemia da COVID-19. Quanto à metodologia trata-se de um estudo de revisão narrativa da literatura, uma pesquisa qualitativa, que apresenta uma amostra com base em 48 literaturas. Sobre os resultados e discussão desse estudo, foi dividida em três momentos. No primeiro momento é abordado o processo do aleitamento materno – história, a anatomia, fisiologia, a importância de amamentar, as políticas em defesa a esse ato, e prática da amamentação no período pandêmico. Em seguida foram abordadas as vantagens do aleitamento materno, destacando os benefícios para mãe e o filho, e identificando as razões que levam ao desmame precoce. E no terceiro momento é abordado como se dá a atuação e assistência do profissional da enfermagem e os desafios para saúde pública. Conclui-se que, mesmo a mãe tendo ciência dos benefícios do aleitamento, há muito mais fatores que implicam nesse processo e levam ao desmame precoce. Além disso, é fundamental que o profissional da enfermagem busque entender mais como as mães pensam e agem sobre a prática do aleitamento materno. Cabe ainda, avaliar as ações dos profissionais e repensar em novas estratégias dando atenção ao perfil da mulher e fatores socioeconômicos e culturais.

Palavras-chave: Aleitamento materno; Desmame; COVID-19; Assistência da Enfermagem; Saúde Pública.

ABSTRACT

The world recently witnessed the COVID-19 pandemic, which presented challenges for health professionals, particularly nurses. One of these challenges was the practice of breastfeeding, because the physical isolation used to contain the coronavirus made exchanges between professionals and breastfeeding mothers difficult, implying early weaning. This study aims to identify the difficulties and challenges that will be encountered during the breastfeeding process as a result of the COVID-19 pandemic. In terms of methodology, it is a narrative review of the literature, a qualitative research, and a sample based on 48 literatures. The results and discussion of this study were divided into three parts. The breastfeeding process is approached in the first instance - history, anatomy, physiology, the importance of breastfeeding and policies in defense of this act, and breastfeeding practice during the pandemic period. Following that, the benefits of breastfeeding were discussed, emphasizing the benefits for both mother and child and identifying the factors that lead to early weaning. And in the third stage, it is discussed how the performance and assistance of the nursing professional, as well as the challenges for public health, are approached. It is concluded that, even if the mother is aware of the benefits of breastfeeding, there are numerous other factors that contribute to early weaning. Furthermore, nursing professionals must learn more about how mothers think about and act on the practice of breastfeeding. It is also critical to evaluate professional actions and rethink new strategies while taking into account the gender profile as well as socioeconomic and cultural factors.

Keywords: Breastfeeding; Weaning; COVID-19; Nursing Assistance; Public health.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Fluxograma do processo de seleção dos estudos na literatura.....	17
Figura 2	Anatomia da mama.....	21
Quadro 1	Benefícios do aleitamento materno	25

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APS	Atenção Primária à Saúde
COVID-19	<i>Coronavirus Diseases</i> - 2019 (Doença do Coronavírus - 2019)
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
PNAM	Política Nacional de Aleitamento Materno
PNAISC	Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança
PNIAM	Programa Nacional de Incentivo ao Aleitamento Materno
OMS	Organização Mundial de Saúde
UBS	Unidade Básica de Saúde

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 JUSTIFICATIVA	12
2 OBJETIVOS	12
2.1 OBJETIVO GERAL	15
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	15
3 METODOLOGIA	16
3.1 MÉTODO DO ESTUDO	16
3.2 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS	16
4 O PROCESSO DE AMAMENTAÇÃO E SEU CONTEXTO NA PANDEMIA.....	18
5 OS BENEFÍCIOS DO ALEITAMENTO MATERNO E AS RAZÕES PARA O DESMAME PRECOCE	16
6 ASSISTÊNCIA DA ENFERMAGEM E OS DESAFIOS NA SAÚDE PÚBLICA.....	32
7 CONCLUSÃO.....	36
REFERÊNCIAS.....	38

1 INTRODUÇÃO

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou o início da pandemia da COVID-19, Doença do Coronavírus-2019 (ARAÚJO, 2022a). Essa doença afetou indivíduos de ambos os sexos, diversas faixas etárias, raça/cor e condição social. Dentre os indivíduos afetados, consideram-se as mulheres primíparas do ciclo gravídico-puerperal que sofreram com incertezas e o medo de serem contaminadas, para isso tiveram que se manter isoladas no momento em que necessitam de mais acolhimento (SILVA *et al.*, 2021). Nesse contexto, em virtude as dificuldades e os desafios do processo de amamentação, muitas mulheres passaram a aderir ao desmame precoce, sendo isso o foco desse estudo.

O processo de amamentação deve ser iniciado ao nascimento para a nutrição do bebê, é uma prática que envolve a interação da mãe e filho, desenvolvendo o cognitivo e emocional, bem como proteger de infecções. Além disso, a amamentação previne mortes em crianças menores de cinco anos e evita o aumento de câncer de mama em mulheres. Desse modo, ressalta-se que, é preciso estar preparado para o manuseio de técnicas de amamentação, bem como é fundamental ter rede de apoio, seja no âmbito familiar e social, como também contar com profissionais de saúde, pois eles são capazes de identificar e compreender tais comportamentos adotados levando em consideração os aspectos socioculturais do indivíduo (BRASIL, 2015a; BOCCOLINI *et al.*, 2017).

A OMS, por meio da Estratégia Global para Alimentação de Lactentes e Crianças de Primeira Infância – criada em 2002, considera que toda criança tenha direito a segurança alimentar e nutricional, sendo assim recomendado a amamentação exclusiva até os seis meses de vida e completada até os 2 anos ou mais com alimentos de qualidade (BRASIL, 2015b; HUAV, 2023).

Uma pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde, fev/2019 a mar/2020, foi feita uma avaliação com mais de 14 mil crianças, menores de cinco anos, e os resultados encontrados mostram que 53% dessas crianças foram amamentadas no primeiro ano de vida, 45,7% tiveram a amamentação exclusiva nos primeiros seis meses de vida, e 60% amamentação exclusiva até os quatro primeiros meses. Embora esses números ainda sejam considerados baixos, quando são comparados nos últimos 34 anos, percebe-se o aumento nos índices de amamentação sendo 13 vezes mais em crianças amamentadas até os quatro meses e 16 vezes em crianças até os seis meses de vida (UNASUS, 2020).

Sob essa perspectiva, nota-se que houve uma melhora significativa no tocante a prática do aleitamento materno, porém com a pandemia ainda há poucas informações trazidas nas literaturas, visto que houve fechamento temporário na prestação de alguns serviços em saúde e que implica em um déficit no atendimento prestado a gestantes, sejam elas primíparas ou não. Ademais, no início havia o receio de transmissão pelo aleitamento materno, e também a adoção em alguns países a separação da puérpera e do bebê em caso de suspeita ou confirmação ao coronavírus (SILVA *et al.*, 2021). Com esse cenário, não se sabe ao certo como se deu a vivência das mães nesse processo de aleitamento – adoecimento mental e fisiológico, nem o que pode impactar no futuro com a diminuição e/ou redução do aleitamento materno e nutricional na vida da criança nos primeiros anos de vida.

Por outro lado, no tocante as ações realizadas por profissionais da saúde nesse processo de amamentação, é possível afirmar que as orientações prestadas a essas mulheres permitem que elas tenham uma atenção de forma integral e humanizada (GAIVA *et al.*, 2017). É necessário que seja realizado o acompanhamento durante o pré-natal, informando a gestante, seus companheiros e familiares os benefícios do aleitamento materno, bem como as consequências do desmame precoce e técnicas adequadas de amamentação para proporcionar uma melhor qualidade de vida para mãe-bebê, visto que mulheres primíparas são inexperientes na prática materna. A respeito dos fatores que favorecem ao desmame precoce estão: ausência de informação, alterações hormonais, fissuras nas mamas, mastite, preocupação com a estética, e a crença de que o leite materno não é o suficiente, além disso, opiniões de familiares podem contribuir na prática do desmame (SILVA *et al.*, 2020a; LACERDA, *et al.*, 2021).

Diante do exposto, e considerando que a gestação é um período único na vida da mulher que por muitas vezes vem acompanhada de incertezas, medos e insegurança, fato esse que se intensificou ainda mais em primíparas no período pandêmico. Com base nessas reflexões, esse estudo apresenta a seguinte questão norteadora: Quais as dificuldades encontradas no processo de amamentação diante da pandemia da COVID-19?

1.1 JUSTIFICATIVA

Como justificativa para esse estudo, partiu de dois pontos. O primeiro ponto se deu no interesse em desenvolver este estudo, pois surgiu a partir das vivências nas

práticas e estágio, enquanto acadêmica de enfermagem, bem como na atuação como técnica de enfermagem. Durante a realização dessas atividades e observando o comportamento de algumas mulheres, pode-se notar um número de mulheres primíparas que vem aderindo cada vez menos à prática da amamentação. Tal razão está construída e determinada antes mesmo do nascimento do filho, e fundamentada em crenças pessoais e culturais, no qual consideram um processo doloroso, que causa desprazer e prejuízos estéticos à mãe. Além disso, muitas não se consideram prontas e nem seguras com a amamentação e os cuidados com o bebê após a alta.

Já o segundo ponto se deu com base dessa vivência somada ao período de pandemia, em que houve isolamento físico e aumento da desinformação, incertezas sobre os modos de transmissão, o estresse gerado pelo “medo de morrer”, e/ou o “medo de contaminar o bebê”, bem como o afastamento da mãe-bebê quando suspeito ou confirmado pela COVID-19 contribuiu a interrupção ao aleitamento materno. Visto isso, o modo de assistência prestado a essas mulheres, bem como a falta de apoio suficiente por parte do profissional da enfermagem, pode influenciar no desmame precoce e gerar danos à saúde da mãe e filho, o que torna um desafio a saúde pública.

Somado a essa perspectiva, esse estudo busca compreender na literatura sobre o comportamento do aleitamento materno diante do contexto pandêmico, a fim de averiguar os principais pontos que dificultam nesse processo de amamentação e os desafios a serem enfrentados, bem como a importância do papel e atuação do enfermeiro nesse cenário. Esse trabalho apresenta grande importância para a saúde pública, pois é fundamental discutir essas questões que aplicam no processo de amamentação. Considera-se ainda um estudo que resulta em significâncias para subvencionar políticas públicas e estratégias educativas, auxiliando os profissionais da saúde, em especial o enfermeiro, em busca de melhores assistência e promoção na saúde. Ademais, mostra contribuições à comunidade científica.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Identificar as dificuldades no processo de amamentação na pandemia da COVID-19.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Descrever o processo de amamentação no contexto da pandemia.
- b) Relatar as razões para o aleitamento materno e os motivos que favorecem o desmame precoce;
- c) Descrever a atuação da assistência da enfermagem nesse processo de amamentação e os desafios na saúde pública.

3 METODOLOGIA

3.1 MÉTODO DO ESTUDO

O presente estudo consiste em uma revisão narrativa da literatura, do tipo qualitativa. Para Minayo (2014), a pesquisa qualitativa explora, obtendo dados específicos, no intuito de analisar e refletir sobre o problema em questão. A mesma menciona ainda que as questões levantadas são respondidas de maneira subjetiva, e não quantificável.

Sob essa perspectiva, essa pesquisa busca esclarecer, por meio de um levantamento bibliográfico, sobre as dificuldades no processo de amamentação no contexto pandêmico. O método de busca dos dados se deu da seguinte forma: foi realizada a combinação de descritores “Aleitamento Materno”, “Desmame precoce”, “COVID-19”, “Assistência da Enfermagem” e “Saúde pública”, na base de dados *Google Acadêmico*, utilizando como filtro o ano de publicação e idiomas, sendo adotada apenas a língua portuguesa. O número de documentos contidos nessa base foi 485 literaturas, distribuídas em artigos, trabalhos de conclusão de curso, dissertações, tese, cartas, livros e anais. Período de busca foi de abril a maio de 2023.

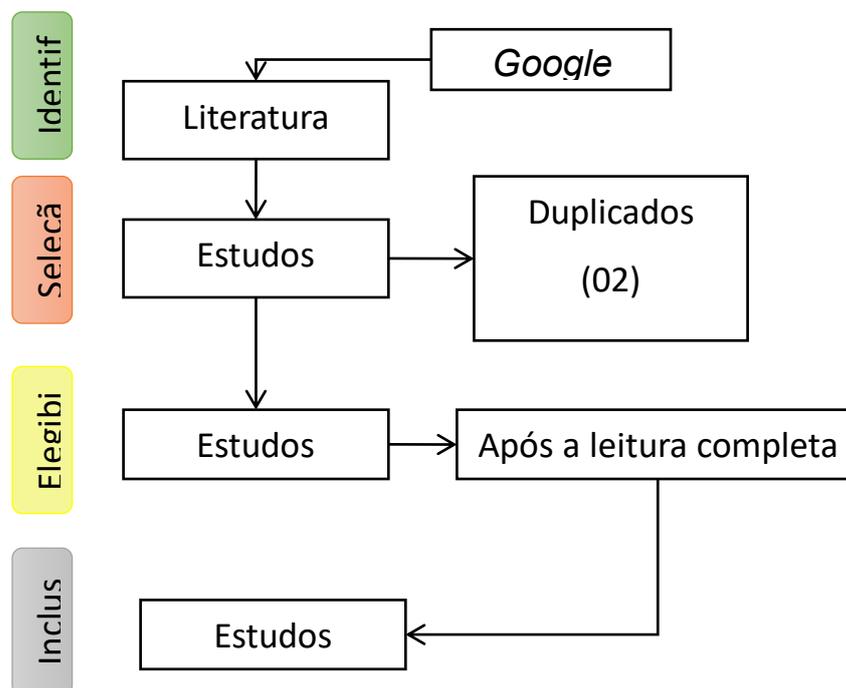
Sobre os critérios previamente estabelecidos para se ter a amostragem foram adotados com base das informações a seguir:

I – Critério de Inclusão: Documentos publicados no período pandêmico (11 de março de 2020 a 05 de maio de 2023).

II – Critérios de Exclusão: Seriam excluídos de idiomas que não fosse a língua portuguesa, língua nativa da pesquisadora; Duplicatas; Artigos de Revisão, pois as informações poderiam ser repetidas; Documentos que fugissem a temática proposta e tomando como base as interpretações da pesquisadora; e aqueles indisponíveis para a leitura.

Sendo assim, foram excluídos 293 estudos, restando 192 documentos para a leitura completa da íntegra. Após a leitura completa, identificou-se que alguns estudos não correspondiam ao objeto de estudo que culminou na exclusão de mais 144 estudos. Desse modo, resultou-se em uma amostra de 48 estudos elegíveis. Abaixo, na Figura 01, mostra o fluxograma do processo de seleção dos estudos.

Figura 1 – Fluxograma do processo de seleção dos estudos na literatura



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2023)

A empregabilidade desta metodologia visa responder à questão norteadora. Dessa forma, os documentos selecionados na literatura foram analisados atendendo assim o objetivo proposto. Ainda, é possível considerar que, essa pesquisa é relevante, pois traz indicadores significativos para inserção nas intervenções em saúde aplicada por profissionais da enfermagem, bem como contribui para comunidade científica.

É válido ressaltar que o viés dessa pesquisa está diretamente relacionado ao modo de como a pesquisadora interpretou os dados, bem como o fator limitante está correlacionado ao tempo de produção, literaturas publicadas no período de realização deste trabalho e única base de dados utilizados como busca de coleta de dados para o estudo proposto.

3. 2 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Considerando os aspectos éticos da pesquisa, não foi necessário a submissão desse estudo, pois trata-se de dados secundários, de domínio público.

4 O PROCESSO DE AMAMENTAÇÃO NO CONTEXTO DE PANDEMIA

A amamentação ou aleitamento materno é uma prática antiga e consiste no processo em que o bebê se alimenta no seio da mãe. Há registros no código de Hamurabi que detalha a prática de amamentação e estabelece normas para as mulheres que amamentam seu bebê ou para mulheres de aluguel, conhecido como amas-de-leite. Existem também dados datados por Hipócrates, onde destaca os benefícios do aleitamento considerado seguro e higiênico apenas o leite da própria mãe. Já para igreja católica, nos séculos XII a XIII, tal comportamento da mulher era vista como um indivíduo inferior e consideradas sujas ao realizarem o ato, comprometendo sua beleza física e sexual. No período colonial, as mulheres negras eram quem amamentavam os filhos dos “senhores”, e nesse período o índice de mortalidade infantil era alto, além do mais, há relatos de que as amas tinham receio de transmitirem afeto aos bebês e ofereciam o leite de vaca em pequenos chifres furados, o que essa falta de higienização acarretou riscos à saúde. É válido mencionar que a população indígena valoriza bastante a cultura da amamentação e carregar seus filhos em tipoias, indicando um contato pele a pele que é fundamental para a criança (FERREIRA, C 2021).

O ato de amamentar não é puramente instintivo devendo ser aprendido, pois é considerada uma ação difícil e comum o surgimento de intercorrências principalmente em primíparas – mães de primeira viagem, para isso é necessário o aprendizado de técnicas e que deve ser desempenhado com dedicação e não como algo obrigatório (DELLALIBERA, 2020; ARAÚJO, 2022b; FERREIRA, C 2021; THEODORO, 2022).

A OMS classificou o aleitamento materno em cinco seguimentos: *I – Aleitamento materno exclusivo* – que é “quando a criança recebe somente leite materno, direto da mama/ordenhado, ou leite humano de outra fonte, sem outros líquidos/sólidos, com exceção de gotas/xaropes contendo vitaminas, suplementos e medicamentos”; *II – Aleitamento materno predominante* – “quando a criança recebe, além do leite materno, água ou bebidas à base de água (água adoçada, chás, infusões e sucos de frutas)”; *III – Aleitamento materno* – “quando a criança recebe leite materno (direto da mama ou ordenhado), independentemente de receber ou não outros alimentos”; *IV – Aleitamento materno complementado* – “quando a criança recebe, além do leite materno, qualquer alimento sólido ou semissólido com a finalidade de complementá-lo, e não substituí-lo”; e *V – Aleitamento materno misto ou parcial* – quando a criança recebe leite materno e outros tipos de leite (OLIVEIRA,

2020).

Essa prática é uma condição biológica considerada padrão-ouro na alimentação da criança em virtude de sua qualidade nutricional e imunológica (ARAÚJO, 2022b; MENEZES e PEIXOTO, 2021). Acredita ser um ato essencial na primeira hora de vida, pois quanto mais o bebê esperar, mais corre o risco a infecções. Deve ser exclusiva até os seis meses de idade sem que haja a introdução de outros líquidos ou alimentos, sendo permitido apenas administração de vitaminas e medicamentos quando necessário e, após esse período ser mantido com a complementação de alimentos até dois anos (MENEZES e PEIXOTO, 2021; ARRUDA, 2020; DELLALIBERA, 2020).

O leite materno, é um alimento que possui em sua composição proteínas, vitaminas, imunoglobulinas e anticorpos que são fundamentais para o desenvolvimento cognitivo e motor da criança, bem como suprimindo as carências nutricionais. Além disso, gera benefícios na saúde física e psíquica da mãe (CALDAS *et al.*, 2021; DELLALIBERA, 2020; SILVA *et al.*, 2022a; NASCIMENTO *et al.*, 2023; LIMA e ALMEIDA, 2020). Ainda estimula o desenvolvimento craniofacial do bebê e proporciona o contato pele a pele evitando uma hipotermia nas primeiras horas de vida (NASCIMENTO *et al.*, 2023).

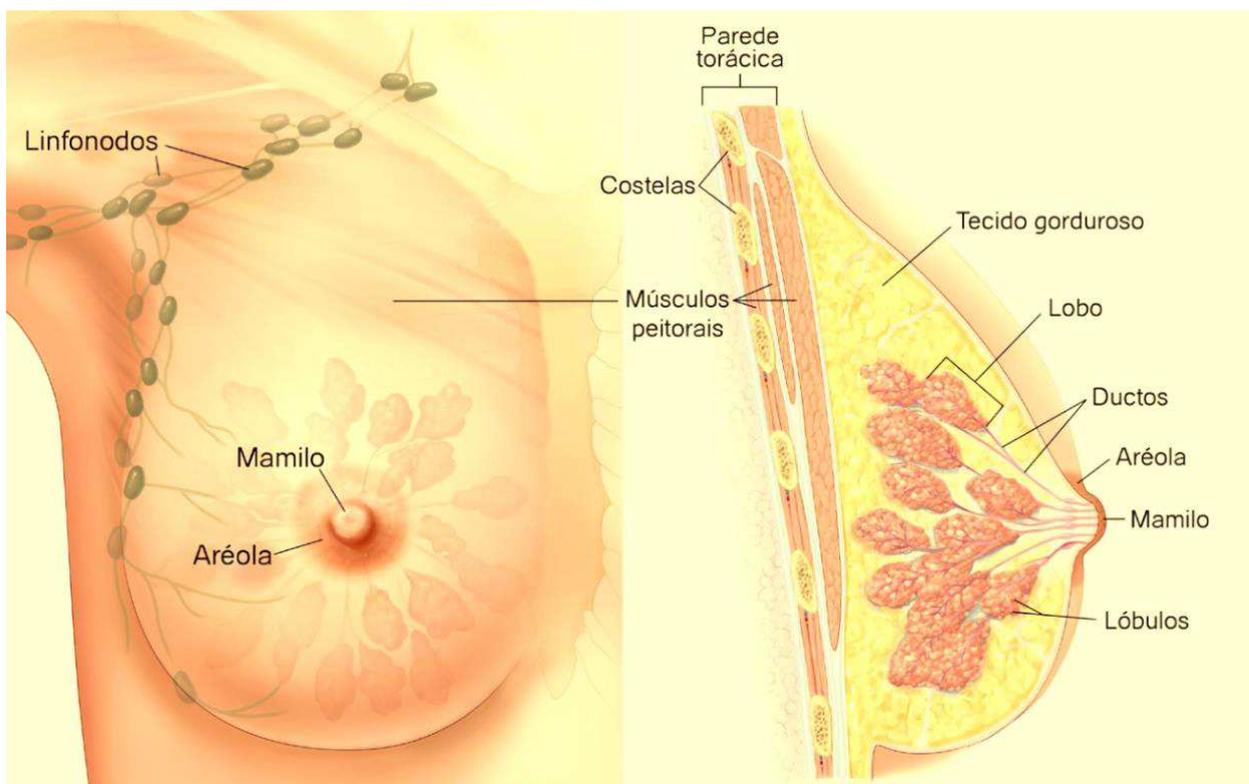
O efeito protetor promovido pelo leite – diarreias, pneumonias, infecções de ouvido, alergias, prevenção contra hemorragias no pós-parto, diabetes, hipertensão e vários tipos de câncer, é capaz de reduzir a morbidade e mortalidade infantil, com impacto na vida adulta. A importância do aleitamento materno, segundo a OMS, se dar por evitar mais de 820.000 mortes em crianças e 20.000 mortes em mulheres por câncer de mama (ARAÚJO, 2022b). Se essa prática fosse considerada universal, poderia prevenir por ano mais de 823 mil mortes de crianças com menos de cinco anos de idade (NUNES *et al.*, 2022; PAJARO, 2021; HOLANDA e SILVA, 2023).

Ademais, a amamentação estabelece ainda um contato entre mãe e filho promovendo proteção imunológica e uma mistura de sentimentos emocionais que envolvem vínculo afetivo, apesar disso, essa construção está cercada de fatores socioeconômico, culturais e políticos (MAGALHÃES E BARROS, 2022; DELLALIBERA, 2020; NASCIMENTO *et al.*, 2023). Para Freitas *et al.*(2022) consideram uma interação que influencia no desenvolvimento emocional infantil até mesmo no futuro. Há evidências de que o processo de amamentação esteja associado ao melhorar desempenho em testes de inteligência, além de permitir o

desenvolvimento da cavidade oral da criança com o processo da sucção (ARRUDA, 2020).

Sobre esse processo de amamentação no contexto anatômico e fisiológico da mulher confere as seguintes informações: I – *Anatomia da Mama* – as estruturas das mamas estão localizadas na parede torácica do músculo peitoral maior, ocupando entre a segunda e quarta costela e limita-se à borda lateral do osso esterno. É constituída por tecido glandular, tecido conjuntivo, tecido adiposo com vasos e nervos. A sua forma e tamanho está relacionado a quantidade de tecido adiposo e a fatores genéticos, e não com a sua capacidade funcional. Isso varia de raça, idade e peso. Têm-se ainda o mamilo e a aréola que abaixo da pele possui uma fina camada muscular com ductos lactíferos, glândulas sebáceas e sudoríparas, essa serão modificadas na epiderme para secretar o leite e serão atuantes no decorrer da sucção para a alimentação do bebê (SOUZA, 2021), como observa na Figura 1; II – *Produção do Leite* – Durante a o período gestacional a mulher passar por alterações hormonais como produção de progesterona, estrogênio e lactogênio placentário, por exemplo, para melhor manter, desenvolver e nutrir o bebê. Com o parto a mulher passa a secretar o hormônio prolactina para secretar o leite e com o auxílio do hormônio da ocitocina estimula os receptores táteis dos mamilos no processo da sucção; III – *Aleitamento* – o leite irá descer com a sucção do bebê, porém pode ocorrer sem esse estímulo. A sua composição contempla três formas: colostro, leite de transição e leite maduro, ricos em proteínas que auxiliam na imunidade do bebê. A amamentação envolve a pegada adequada da aréola e mamilo, com a coordenação de funções voltadas a sucção, deglutição e respiração do bebê, e alimentação do bebê (OLIVEIRA, 2020; LIMA e ALMEIDA, 2020). Os fatores históricos, sociais, culturais e psicológico da puérpera estão relacionados ao sucesso na prática do aleitamento materno (DEMORI *et al.*, 2021).

Figura 1- Anatomia da Mama



Fonte: Instituto Nacional de Câncer: 2018

Atrelado a isso, é importante ressaltar que há diferenças na composição entre o leite materno e a fórmula artificial, esse último além de contribuir em maiores taxas de ganho de peso apresenta riscos no desenvolvimento de infecções (NASCIMENTO *et al.*, 2023). Por outro lado, no tocante ao aleitamento pelo leite artificial é indicado em situações que a criança fica com cuidadores a fim de evitar que o mesmo passe fome ou chore em situações em que a mãe esteja doente. Ainda se recomenda a utilização de bombas para a extração do leite materno e em seguida conservá-lo na geladeira, porém para administração no bebê esse leite deve ser aquecido (TIVANE, 2022).

Ademais, os períodos de gestação, parto, puerpério e aleitamento ocasionam intensas alterações hormonais, fisiológicas e emocionais que podem afetar na qualidade de vida da mãe e o bebê (LODI *et al.*, 2020). No período gestacional, a gestante deve ir as consultas do pré-natal e os profissionais da saúde devem atender as necessidades dessas mulheres, bem como sanar suas dúvidas. Magalhães e Barros (2022) mostra em seu estudo em que há mulheres que não recebem nenhuma informação no tocante a amamentação durante o acompanhamento no período gestacional. No parto, mesmo que cirúrgico, os direitos das mulheres devem ser garantidos e o manejo deve ser de forma humanizada, além disso no ato da

amamentação, o bebê deve sugar na primeira hora de vida para acelerar a descida do leite. Já no período puerperal as mulheres ficam mais vulneráveis e sujeitas ao estado depressivo em virtude da queda drástica de hormônio há uma variação de sentimentos de culpa e frustrações gerados pela sociedade. Além disso, nesse período que ocorre o aleitamento materno, essas mulheres podem desistir dessa prática e introduzir o aleitamento artificial (MIRANDA e NETO, 2021; FERREIRA, C 2021).

Outro fator que leva a mulher introduzir o aleitamento artificial é a sua inserção no mercado de trabalho, o que impede dar a sua continuidade. Embora haja a existência de leis, criadas por meio do PNAIM, para garantir a presença de creches no local de trabalho e aumento de tempo na licença-maternidade a fim de prolongar o período de aleitamento, ainda há barreiras enfrentado por essas mulheres (OLIVEIRA, 2020; FERREIRA, C 2021; ARRUDA, 2020).

No que diz a respeito aos dados da amamentação global, avaliado em 194 países no ano de 2016, 40% das crianças menores de seis meses tinha o leite materno como alimentação exclusiva (MAGALHÃES E BARROS, 2022). Em países de baixa renda, apenas 37% das crianças menores de seis meses são amamentadas exclusivamente, porém esse número torna-se ainda menor quando comparados com países de alta renda (SIQUEIRA *et al.*, 2020). No Brasil os dados correspondem da amamentação exclusiva em menores de seis meses correspondiam a 39% no ano de 2016 e 41% no ano de 2020, nota-se assim um aumento na adesão a essa prática (MAGALHÃES E BARROS, 2022; SILVA, 2022c). Esses dados quando relacionados por região no país, o Nordeste é o que apresenta menor taxa de amamentação na primeira hora de vida, correspondendo a 38%, enquanto a região Sul possui uma maior frequência com 53,1% (LUCHESE *et al.*, 2021). Já no estudo mais recente proposto por Theodoro (2022) os dados da amamentação exclusiva no Brasil correspondem a 38% em bebês até os 4 primeiros meses de vida. O mesmo alega que essa prática é influenciada pela sociedade e a condição de vida da mulher dentro de um contexto sociocultural, há indícios ainda do afeto com a pandemia da COVID-19.

Para que o índice de amamentação em menores de seis meses aumente no país, a Assembleia Mundial de Saúde estabeleceu que até 2025 promovam-se ações a fim de que se alcance a uma adesão equivalente a 50% (ARRUDA, 2020). É importante frisar que há programas voltados a isso, onde foram criadas estratégias

nos últimos 30 anos objetivando promover, proteger e apoiar essa prática. Dentre esses programas estão: Política Nacional de Aleitamento Materno (PNAM) e o Programa Nacional de Incentivo ao Aleitamento Materno (PNIAM), que propôs a implantação de alojamentos em conjunto nas maternidades, além de incentivo do início da amamentação na primeira hora de vida, bem como a proibição da oferta de água e leite artificial nas maternidades (DELLALIBERA, 2020; ARRUDA, 2020).

Além disso, foi criada a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança (PNAISC) que visa orientar e qualificar profissionais para atenção e cuidado integral – da gestação até os 9 anos de idade, tendo como principal grupo aqueles que vivem em situação de maior vulnerabilidade. Nessa política é feita recomendações tratando-se de vantagens da amamentação para a criança, mãe e familiares. O incentivo ao aleitamento materno exclusivo até os seis meses começa na Atenção Básica. Nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) são promovidas durante o mês de agosto a campanha “Agosto Dourado” que é destinado a conscientização e esclarecimentos sobre a importância da amamentação (SOUSA, 2023; MENEZES e PEIXOTO, 2021; ARRUDA, 2020).

Trazendo esse processo da amamentação no contexto da pandemia, é importante considerar que em todo o mundo foram estabelecidas medidas de prevenção não farmacológica – uso de máscara, higienização das mãos e distanciamento físico, para reduzir a transmissibilidade do coronavírus. (THEODORO, 2022; CUNHA *et al.*, 2021). O aumento do número de casos da COVID-19 gerou preocupação (CALDAS *et al.*, 2021). Apesar de não haver evidências científicas que comprovassem a transmissão por meio da gestação-parto-amamentação, a OMS continuou a recomendar, mesmo mães positivadas, o contato pele a pele e o aleitamento materno evitando a sua substituição por mamadeiras e chupetas nas maternidades. Além disso, estabeleceu-se cuidados de higiene e medidas de prevenção como: uso de máscaras, touca, troca de lençóis, camisola, por exemplo (LUCCHESI *et al.*, 2021; THEODORO, 2022).

Ainda, o período pandêmico foi marcado por dúvidas e dificuldades em relação com o parto, e cuidados com a mãe e o bebê, incluindo na prática da amamentação, pois mulheres grávidas e fetos apresentam riscos para essa doença infecciosa embora grande parte das gestantes apresentarem quadros clínico leve a moderado (LODI *et al.*, 2020; FERREIRA, C 2021). Tais dificuldades existentes a esse grupo se intensificaram diante das mudanças sociais e econômicas que promoveram a

insegurança alimentar e o aumento do desemprego (LUCCHESE *et al.*, 2021; NUNES *et al.*, 2022; ARAÚJO, 2022b; TACLA *et al.*, 2020).

Mediante a esse cenário, que no início tudo era desconhecido e novas informações surgiam a todo o momento com constante disseminação de notícias falsas – *fake news*, que desencadearam alterações emocionais – a ansiedade e o medo são exemplos disso, principalmente em gestantes e lactantes, visto que, havia ausências de comprovações científicas sobre a transmissibilidade do coronavírus (MENEZES e PEIXOTO, 2021). Segundo LODI *et al.* (2020), com a pandemia da COVID-19, há um comprometimento da saúde em função ao isolamento físico e isso acarreta em estresse e depressão, o que dificulta a descida do leite materno, comprometendo assim a prática da amamentação. Além do mais, é normal que mães após o parto se sintam inseguras quanto aos cuidados com o recém-nascido e à amamentação, porém com o isolamento físico por resultar em um possível desmame precoce.

Apesar da crise pandêmica, os serviços de saúde precisam se adequar a esse cenário e a outras epidemias que virão a surgir, e mostrando o papel significativo do aleitamento materno. Além disso, devem ser assegurados os direitos as mulheres na sala de parto, incluindo a presença de acompanhante, pois houve hospitais e maternidades que violaram esse direito (SILVA, 2022c). Ressalta-se que, muitas mulheres brasileiras por falta de incentivo e redes de apoio deixaram de amamentar (THEODORO, 2022).

Contudo, para que as mulheres tenham sucesso na amamentação, cabe aos profissionais orientar essas mulheres sobre as vantagens e o manejo do aleitamento (LISBOA *et al.*, 2022). Recomenda-se que as crianças sejam amamentadas sem restrições de horários e tempo de permanência na mama, sendo em livre demanda (THEODORO, 2022). Além disso, as grávidas e lactantes precisam ter apoio psicossocial e serem assistidas de perto por profissionais especializados e capacitados dando suporte necessário à mulher-mãe-nutriz (ARRUDA, 2020; ARAÚJO, 2022b; FERREIRA, C. 2021b).

5 OS BENEFÍCIOS DO ALEITAMENTO MATERNO E AS RAZÕES PARA O DESMAME PRECOCE

O aleitamento materno possui inúmeros benefícios para a saúde materno-infantil, pois permite proteção imunológica a doenças alérgicas, respiratórias, diabetes, digestivas, obesidade e desnutrição, garantindo uma microbiota saudável e

desenvolvimento cerebral do bebê, e repercutindo na saúde física e psicológica da mãe protegendo-a contra o câncer de mama e ovário, diabetes do tipo 2, reduzindo o sangramento pós-parto e favorecendo ao vínculo entre mãe e filho (ARRUDA, 2020; NASCIMENTO *et al.*, 2023; DELLALIBERA, 2020; MIRANDA e NETO, 2021; DEMORI *et al.*, 2021; SILVA *et al.*, 2021b). Além disso, o leite materno reduz os casos de morbimortalidade infantil, que chegam a reduzir em até 13% de mortes infantis em menores de 5 anos, por outro lado há evidências de que amamentação prolongada apresenta risco de anemia em crianças de 12 meses (ARAÚJO, 2022b; FERREIRA, M. 2021; FERREIRA, C. 2021). Há outros benefícios do aleitamento materno trazidos no estudo de FERREIRA, C. (2021) que estão apresentados no Quadro 1, abaixo:

Quadro 1 – Benefícios do Aleitamento Materno

Benefícios para o Bebê	Benefícios para a Mãe
Maior contato com a mãe	Diminui o sangramento no pós-parto
Melhora a digestão e minimiza as cólicas	Acelera a perda de peso
Desenvolve a inteligência quanto maior o tempo de amamentação	Reduz a incidência de câncer de mama
Reduz o risco de doenças alérgicas	Reduz a incidência de câncer de ovário
Diminui as chances de desenvolver doença de Crohn e linfoma	Reduz a incidência de câncer de endométrio
Estimula e fortalece a arcada dentária	Evita a osteoporose
Previne contra doenças contagiosas, como a diarreia	Protege contra doenças cardiovasculares

Fonte: Elaboração própria, com dados de Ferreira, C. (2021)

Segundo Tivane (2022), o aleitamento deve ser um processo de livre demanda e que a mãe sinta o prazer em amamentar. Para que se tenha sucesso nesse processo autor cita a conjugação de três fatores associados: 1 – Tenha a decisão de amamentar; 2 – O estabelecimento da lactação; e 3 – O suporte da amamentação.

Sob essa perspectiva, apesar de todos os benefícios ocasionados pelo aleitamento materno ainda há razões que levam as nutrizes interromper esse processo precocemente, o que se torna um problema de saúde pública e ao mesmo tempo um desafio as comunidades de saúde e científica (HOLANDA e SILVA, 2023). Embora uma parcela de mães tenha o interesse em dar continuidade a amamentação, há vários motivos que interferem nesse processo e isso ocasiona problemas à saúde da mãe-bebê (LISBOA *et al.*, 2022; FREITAS *et al.*, 2022). Tais razões para o desmame precoce serão descritos a seguir:

1 – Alterações psicológicas: Desde a gestação até o período de amamentação, a mulher passa por alterações hormonais que resultam na variação de diversos sentimentos como: medo, ansiedade, dor, estresse, depressão pós-parto, sentem-se assustadas ainda mais quando são primíparas, possuem ainda a autoconfiança reduzida associada com insegurança, impotência, cansaço, e o desconhecimento do comportamento do bebê podem levar ao desmame (DELLALIBERA, 2020; MIRANDA e NETO, 2021; NASCIMENTO *et al.*, 2023; OLIVEIRA, 2022; LISBOA *et al.*, 2022; OLIVEIRA, 2020). Sobre o sentimento de medo, há fatores ambientais e socioculturais associados, que despertam a sensação de que o leite é insuficiente. Entretanto, toda mãe produz leite para atender a demanda do filho, porém é a descida do leite que pode vir a retardar após o nascimento do bebê, para isso é necessário o estímulo da sucção. Outro motivo que leva a ter essa sensação de que o leite não está sendo o suficiente se deve por ter uma aparência “aguada” ou ainda quando é o colostro (MAGALHÃES E BARROS, 2022; NASCIMENTO *et al.*, 2023).

2 – Crenças e mitos: Com base nesse sentimento de medo por “leite insuficiente”, “leite fraco” ou “o leite não está saciando a fome”, que está relacionado a crenças populares e mitos, ainda tem a de que “leite materno provoca cólicas no bebê” e “ingestão de doces para criar leite”. As nutrizes por sua vez são obrigadas a tomar para si essas crenças de figuras maternas presentes na família e aderirem a hábitos como a introdução de alimentos – chás, papinhas, água, suco, antes dos seis meses de vida (MIRANDA e NETO, 2021; LIMA e ALMEIDA, 2020; NUNES *et al.*, 2022; FRANCO *et al.*, 2021). Considera-se ainda que, altas temperaturas corporais e agitação materna interferem na produção de leite (CALDAS *et al.*, 2021). Todos esses mitos e crenças são impostos por uma sociedade, e que nesse processo de amamentação levam em consideração a influência da figura materna da avó por se tratar de alguém que amamentou por muito mais tempo (LISBOA *et al.*, 2022).

Embora haja essa cultura, as mulheres mais velhas e com mais experiências positivas na amamentação, possuem uma base formada que conseguem se adaptarem na prática do aleitamento materno (ARAÚJO, 2022b). Essas mulheres que já tiveram filhos demonstram mais confiança e mantém por mais tempo ao aleitamento materno exclusivo até os seis meses (MAGALHÃES E BARROS, 2022).

3 – Introdução de outros alimentos – Esse contexto psicossocial em que a mãe está inserida interferem da decisão de amamentar e até quando irá manter essa

prática. Por não saber lidarem com as críticas, medos e apresentarem dúvidas durante esse processo, acabam por fazerem introdução de alimentos antes dos seis meses, como dito anteriormente, e isso torna-se uma justificativa para interrupção deste processo (MENEZES e PEIXOTO, 2021; SILVA *et al.*, 2021b). Acredita-se que com a pandemia, a falta de informação e o medo de contaminarem seus filhos, quando positivada, culminaram na introdução alimentar e/ou ingestão de leites artificiais. Segundo Nascimento *et al.* (2022), dados trazidos em seu estudo apontam que quase 50% das mulheres acreditavam que a amamentação deveria ser interrompida nesse cenário.

4 – Pandemia – Isolamento, Desinformação e *Fake news*: No contexto da pandemia, o isolamento social, buscas rápidas por informações na *Internet* por meio de dispositivos eletrônicos, compartilhamento inseguros em redes sociais, *fake news* por exemplo, mostra uma preocupação ao tipo de conteúdo em que gestantes-lactantes estiveram expostas, sentimentos de medo e ansiedade que puderam contribuir no desmame (ARAÚJO, 2022b). Além disso, as mães temiam que pudessem estar transmitindo o coronavírus para seus filhos (NUNES *et al.*, 2022). Diante dessa conjuntura da pandemia da COVID-19, Santos *et al.* (2022) traz em seu estudo a situação de gestantes-lactantes no ambiente carcerário, onde foram implementados protocolos a fim de garantir a integridades das mulheres que ali vivem. Por se tratar de um ambiente insalubre, com pouco apoio a prática de amamentação, seja por profissionais como por familiares, deixam essas mulheres vulneráveis a alterações biopsicológicas podendo a interromper o aleitamento materno exclusivo. Para isso, faz-se necessário uma construção de estratégias intervenção pela equipe de enfermagem, mas também com suporte multiprofissional para que seus direitos sejam garantido. De acordo com Miranda e Neto (2021) e Araújo (2020), o não ter acesso às informações e orientações durante a gestação e o pós-parto contribuem para o desmame precoce.

5 – O acesso à informação: Ter acesso à informação, independente de qual meio utilizado, pode garantir as mulheres grávidas a conscientização e reivindicação por seus direitos, pois muitas destas informações não são fornecidas por profissionais de saúde, e o desmame precoce está ligado a essa falta de informação (ARAÚJO, 2022b; ARAÚJO, 2020). Aquelas que não obtiveram informações por profissionais especializados passam a fazer buscas na *Internet*, pois possuem diversas dúvidas

sobre os benefícios e a necessidade da amamentação (MAGALHÃES E BARROS, 2022).

6 – Alterações fisiológicas – Dor e problemas com as mamas: Além das alterações psicológicas nas gestantes-lactantes, o sentimento de dor são consequências das alterações fisiológicas decorrentes da falta de habilidades com as técnicas de amamentação – posicionamento, pegada incorreta, tendem a gerar alguns danos nas mulheres como: aparecimento do ingurgitamento mamário – mama empedrada, bloqueio dos ductos lactíferos, mastites – inflamação dos tecidos mamários, lesões mamárias – fissuras, sendo a principal causa do desmame, segundo SILVA *et al.*, (2021b), e tem ainda a candidíase mamária e o abscesso mamário que resultam em um desmame precoce (DELLALIBERA, 2020; NASCIMENTO *et al.*, 2023; LISBOA *et al.*, 2022; ARAÚJO, 2022b; MIRANDA e NETO, 2021; NASCIMENTO *et al.*, 2023).

Uma forma de melhorar esse processo de dor e problemas relacionadas a mamas é o posicionamento correto da mãe-filho com a pegada correta, e os mamilos devem mantê-los secos, expondo ao ar livre ou luz solar, o que auxilia na produção de vitamina D e reduz os traumas nas mamas (SILVA *et al.*, 2021b). Diante disso, pode-se evidenciar que técnicas incorretas durante o aleitamento materno dificulta a sucção e os esvaziamento da mama ocasionando conseqüentemente em dor na mama (OLIVEIRA, 2020). O fator anatômico do mamilo dificulta a pegada correta (CALDAS *et al.*, 2021). Para evitar tais problemas, é importante que conte com a assistência do profissional da enfermagem.

7 – Assistência e informações por parte da enfermagem: Glória *et al.*, (2022) relatam que no período pandêmico houve insegurança por parte das mães em amamentar seus filhos e isso está relacionado ao despreparo por parte de profissionais da enfermagem em repassar as informações. A assistência deve ser prestada do pré-natal até a puericultura fornecendo as mulheres o apoio e aconselhamento no ato das consultas. A crença e os mitos acabam interferindo na assistência prestada (ARAÚJO, 2022b; MIRANDA e NETO, 2021; CALDAS *et al.*, 2021). As mulheres no período puerperal apresentam desconhecimento em relação aos benefícios do aleitamento materno e que são incompreendidas no processo de comunicação entre profissionais e familiares (DEMORI *et al.*, 2021; MIRANDA e NETO, 2021). Apesar disso, considera-se ainda que, não basta a mulher estar bem-informada e optar em dar prosseguimento a prática do aleitamento, é preciso que os

profissionais estejam capacitados e disponível para prestação assistência a essas mulheres (FERREIRA, 2021b).

Dellalibera (2020) menciona em seu estudo que ao iniciar o período hospitalar, na pós-alta, pode vir causar o desmame precoce. Contudo, no tocante a gravidez na adolescência, práticas do aleitamento podem se tornar inadequada e é fundamental a necessidade do apoio e incentivo de profissionais e familiares (CARDOZO *et al.*, 2022). Ressalta-se que, os profissionais, especialmente os enfermeiros, devam promover intervenções com ações educacionais instruindo essas mulheres e identificando nelas a sua maneira de pensar e agir nas práticas da amamentação (SANTOS *et al.*, 2022).

8 – O apoio familiar e social: Durante o aleitamento materno a mãe e o filho precisam de cuidados médicos, hospitalares e uma situação financeira favorável que proporcione uma qualidade de vida digna (ARAÚJO, 2022b). Ao longo desse processo são encontradas dificuldades e limitações para a mãe e o filho e a falta de um apoio seja por familiares, cônjuge e demais indivíduos que fazem parte do social dessas mulheres, acaba contribuindo a um desestímulo em dar continuidade na amamentação (NASCIMENTO *et al.*, 2023; THEODORO, 2022; FARIA E FERREIRA, 2022). Outro ponto que favorece a interrupção na prática quando não há uma rede de apoio seja por profissionais ou familiares, quando ao abandono e aceitação da gestação pelo pai biológico da criança (MIRANDA e NETO, 2021; THEODORO, 2022).

9 – O mercado de trabalho: Em situações que a mãe-lactante precisa retornar ao trabalho – finaliza o período da licença-maternidade, ou não possui apoio financeiro – familiares/cônjuges, ou possuem de maneira insuficiente, e precisam se inserir no mercado de trabalho, tendem a não mais se dedicarem à amamentação exclusiva (LODI *et al.*, 2020; MIRANDA e NETO, 2021).

Tratando-se sobre as atividades de trabalho que precisam ser exercidas, algumas mulheres precisam trabalhar fora de casa, e esse número é maior em mulheres múltiparas, enquanto outros possuem o privilégio de trabalharem no remoto, o que foi uma situação vivenciada no contexto da pandemia e favoreceu em um prolongamento e atenção maior ao bebê na prática da amamentação (MIRANDA e NETO, 2021; COSTA *et al.*, 2022).

Por outro lado, além do tempo de dedicação a maternidade em conjunto com as atividades laborais, ainda há as tarefas no ambiente doméstico que devem ser

compartilhadas, o que não ocorre na maioria das situações, e gera uma sobrecarga a essas mulheres. Essa sobrecarga de responsabilidade de cuidado da família é um fator comum a todas as mulheres, independente da raça/cor. E quando essas mulheres não têm uma rede de apoio e precisam trabalhar fora realizando atividades informais, a situação só piora culminando em um desmame precoce (BRANT, 2022; OLIVEIRA, 2020). Segundo Freitas *et al.*, (2022), a causa para o desmame precoce está relacionada ao retorno ao trabalho ou da escola, que representa cerca de 24,1% das mulheres.

10 – Condições socioeconômicas: As consultas reduzidas durante o pré-natal estão associadas ao baixo poder aquisitivo ou que vivem em situações de vulnerabilidade social. Esse reduzido acompanhamento por profissionais resulta em uma menor adesão a prática de amamentar (DEMORI *et al.*, 2021; NASCIMENTO *et al.*, 2023) Essa situação se torna mais agravante quando essas mães são adolescente ou estão privadas de liberdade, com possuem menor grau de escolaridade (CARDOZO *et al.*, 2022; SANTOS *et al.*, 2022; THEODORO, 2022).

Arruda (2020) aponta em seu estudo que perfil das mulheres influencia na continuidade do aleitamento materno ou no desmame precoce. As mulheres que apresentam maior grau de escolaridade são mais seguras e se sentem confortáveis no surgimento de desconfortos na prática da amamentação. Além disso, aquelas que possuem um companheiro têm uma relevância no apoio de influenciar na decisão na continuidade ao aleitamento materno. Por outro lado, as mulheres que se encontram exercendo alguma atividade trabalhista, nem todas conseguem amamentar com exclusividade até os seis meses.

11 – Condições do parto – atuação e atendimento nos hospitais: Um dos pontos iniciais que interferem no processo do aleitamento materno é no pós-parto. Há conjunto de fatores que prejudicam negativamente nessa prática, como: atraso na primeira mamada, separação mãe/filho, introdução de leites artificiais desnecessário. Além disso, o uso de mamadeiras e chupetas também consiste de maneira negativa no ato de amamentar, pois pode vir a confundir o bebê com a consistência dos bicos (FERREIRA, 2021b; LIMA e ALMEIDA, 2020; MIRANDA e NETO, 2021). É importante que essas mulheres saibam os benefícios dessa prática não apenas para si e seu filho, mas em aspectos ambientais considera-se um “ato ecológico”, um alimento sem custo de produção e rico em nutrientes (ARAÚJO, 2022b). Como relatado por Arruda

(2020), é um “alimento completo, saudável, natural e renovável”, e que não precisa de embalagens e nem há desperdícios.

12 - Outros fatores: Além dos fatores já mencionados existem outros que foram citados, mas pouco discutido entre as literaturas coletadas, seriam: recusa inexplicável do bebê antes dos 12 meses, intercorrências com o bebê, o uso de oxigenoterapia – em situações de prematuridade do bebê, tabagismo, hipoglicemia, hiperinsulinismo, Vírus da Imunodeficiência Humana – HIV, falta de confiança ou baixa autoestima da mãe, o tempo de amamentação e violência doméstica (MIRANDA e NETO, 2021; NASCIMENTO *et al.*, 2023; OLIVEIRA, 2020; FERREIRA, C. 2021; THEODORO, 2022; VELOSO e SIQUEIRA, 2023; FERREIRA, M. 2021).

Em síntese, e como relatado por Prudêncio e Madeira (2021) as principais dificuldades existentes no processo do aleitamento materno estão diretamente relacionadas aos seguintes fatores: Aspectos culturais, ausência de capacitação aos integrantes da equipe, ausência de uma rede de apoio, carga de trabalho dos profissionais em virtude da pandemia, conduta clínica relacionada à prescrição de fórmulas na alta da paciente, equipe em formação – novos profissionais em fase de planejamento, ou ausência de profissionais, a falta de paciência e ansiedade da mãe no ato do aleitamento, e a falta de recursos. Diante disso, nota-se que é necessária a adoção de estratégias coletivas que proporcione benefícios nessa prática da amamentação (FRANCO *et al.*, 2021).

6 ASSISTÊNCIA DA ENFERMAGEM E OS DESAFIOS NA SAÚDE PÚBLICA

Um dos desafios na saúde pública, em relação ao processo de amamentação, é promover o aleitamento materno exclusivo até seis meses para reduzir o número de casos de morbimortalidade infantil. Entretanto, no Brasil esse desafio é ainda maior, pois se trata de um país marcado por grandes desigualdades socioeconômicas que afetam a maioria das famílias, incluindo as mães-lactantes que são chefes de família (NOGUEIRA *et al.*, 2021; NASCIMENTO *et al.*, 2023).

Sob essa perspectiva, todos os profissionais que atuam na Atenção Primária de Saúde (APS) têm um papel importantíssimo em demonstrar as gestantes os benefícios do aleitamento materno, durante as consultas do pré-natal, tirando suas dúvidas e acompanhando-as durante todo o processo de lactação, informando e orientando sobre as técnicas utilizadas no ato do aleitamento materno - pegada correta do bebê, nutrientes, por exemplo. A falta de consultas no pré-natal inviabiliza ainda mais o acesso à informação. Ressalta-se ainda que, dentre esses profissionais da saúde aqueles que mais atuam na assistência mãe-filho são os enfermeiros (DIAS *et al.*, 2022; NUNES *et al.*, 2022; MAGALHÃES E BARROS, 2022). Segundo Caldas *et al.* (2021) todos os profissionais da saúde deveriam ser contemplados durante a sua formação para que viessem a contribuir no auxílio com o aleitamento materno.

Os profissionais da enfermagem, de acordo com Nunes *et al.* (2022), Arruda (2020), Nascimento *et al.*, (2023), Magalhães e Barros (2022) podem atuar auxiliando na prática da amamentação, da seguinte forma:

- I – Informando sobre a importância e manutenção da prática da amamentação;
- II – Oferecendo suporte humanizado;
- III–Traçando estratégias educativas para que se tenha preferencialmente um aleitamento materno exclusivo até os seis meses;
- IV – Identificando no âmbito familiar e social, das gestantes-lactantes, pessoas que possam auxiliá-las durante esse processo.
- V – Promovendo ações de incentivo ao aleitamento materno – levando em consideração os fatores sociais, econômicos e culturais.

Além dessa assistência, os profissionais da enfermagem também produzem ferramentas que auxiliam nesse processo de informação. Nogueira *et al.* (2021) nos mostra em seu estudo o desenvolvimento de cartilha sobre o Aleitamento Materno, que é um instrumento útil para passar orientações gerais mostrando os benefícios

para mãe e o filho, bem como incentivar na prática. Essa participação ativa destes profissionais contribui de maneira positiva para o aumento das taxas de aleitamento materno exclusivo (DELLALIBERA, 2020).

No tocante sobre as informações e orientações que devem ser repassadas, de acordo com SILVA *et al.*, 2022a, a “coloração da pele, coto umbilical, capacidade de sucção, sinais vitais ou estado geral; higiene corporal, cuidados com as mamas, alimentação, sono e repouso, pegada correta, posição para amamentação” são imprescindíveis e deve ocorrer ainda no pré-natal, pois é após a alta hospitalar onde as puérpera apresentam maiores dificuldades e tendem a aderir ao desmame precoce, como mencionado no estudo feito por Oliveira (2022).

Trazendo esse desafio, promoção do aleitamento materno, para o contexto da pandemia percebeu-se dificuldades em promover as medidas de educação em saúde e incentivo à prática de amamentar em virtude ao isolamento físico imposto pelas autoridades sanitárias como forma de prevenção ao coronavírus (MENEZES e PEIXOTO, 2021). No entanto, os meios digitais possibilitaram um rede de apoio remoto, devido a sua fácil acessibilidade para divulgação de informações, porém isso só se torna fácil para aqueles que tem aparelhos eletrônicos com acesso *Internet* (CASAROTTO, 2021; DELLALIBERA, 2020).

Ao passe disso, a rapidez na disseminação de informações por meio da *Internet* propiciou a formação de uma infodemia, crescendo a desinformação e exposição de indivíduos às *fake news* (ANARUMA, 2021). Com isso, segundo Araújo (2022b), os profissionais da saúde tornam-se uma fonte mais segura de informação.

Por outro lado, a falta de informação de qualidade proveniente de um profissional não capacitado pode dificultar no processo de aprendizado da lactante, vindo a mesma a adotar práticas incorretas (DELLALIBERA, 2020; DEMORI *et al.*, 2021). Considera-se ainda que, a maioria das puérperas ainda possui dúvidas mesmo fazendo todo acompanhamento do pré-natal e buscando auxílio dos profissionais de saúde. Com isso, sem a orientação destes profissionais e a prestação de serviços adequados, as mulheres tendem a buscar as informações na *Internet* e/ou desistindo do processo de amamentação, especialmente as primíparas (LISBOA *et al.*, 2022; ARAÚJO, 2022b).

Dessa forma, trabalhar na Informação, Comunicação e Educação em saúde, no incentivo ao aleitamento materno, é uma estratégia válida a ser implementada nos serviços de saúde por meio de enfermeiros e uma equipe multiprofissional, porém

para isso é fundamental que se saiba como será o modo de atuação e a adaptação dos veículos utilizados na transmissão de informações aos grupos de gestantes e lactantes (MENEZES e PEIXOTO, 2021; ARRUDA, 2020). Um dos modos de atuação, e considerados válidos no período pandêmico, é a formação de grupos seja por meio da mídia quanto de forma presencial. Esses grupos são úteis para sanar as dúvidas e minimizar os casos de morbimortalidade infantil e estreitar os laços entre pacientes e profissionais (MIRANDA e NETO, 2021). No entanto, é possível considerar que a sobrecarga de trabalho dos enfermeiros nas unidades de saúde podem interferir em uma atuação e assistência de qualidade prestada as gestante-lactantes (MAGALHÃES E BARROS, 2022).

Nesse sentido, há uma necessidade de mais profissionais, que haja um preparo desses profissionais, e que venham a ouvir as puérperas – sabendo o que elas pensam e como agem. Além disso, é válido repensar nas práticas hospitalares, que os profissionais da enfermagem exerçam o cuidado integral a fim de obter o incentivo à amamentação e que sejam capazes de acompanhar não só no pré-natal, mas no pós-parto por meio de visitas domiciliares (DEMORI *et al.*, 2021). Essas visitas e acompanhamento no pós-parto é uma estratégia válida para que as taxas de adesão e continuidade do aleitamento materno aumente após a pandemia (LUCCHESI *et al.*, 2021; LIMA e ALMEIDA, 2020).

Diante disso, sabe-se que os benefícios do aleitamento são importantes tanto para mãe quanto para o bebê (DELLALIBERA, 2020). Os profissionais da enfermagem e demais da saúde devem prestar serviços de maneira humanizada, mantendo o diálogo afetivo e efetivo. Acredita-se ainda que, se tratando do contexto da pandemia, a criação de protocolos de prevenção e orientações é crucial para a manutenção do aleitamento materno (LIMA e ALMEIDA, 2020).

Somando a isso, a equipe da Atenção Básica deve desenvolver planos para incentivar a prática da amamentação (FRANCO *et al.*, 2021; DELLALIBERA, 2020). Além disso, é essencial que haja políticas públicas que aumente o número de vagas nas creches públicas e/ou em locais de trabalho para que as mulheres, principalmente as chefes de família, não tenham a sua empregabilidade afetada (BRANT, 2022). No estudo de Braga (2021) foi relatado uma manifestação do mamaço, onde dezenas de mães se reuniram para manifestarem por políticas públicas em prol da amamentação. É válido mencionar ainda sobre a necessidade de mais incentivo e atenção as mães jovens (DIAS *et al.*, 2022).

Diante do exposto, entender os desafios e buscar alternativas para solucionar os problemas já existentes é possível que aumente a adesão das mulheres à prática da amamentação

7 CONCLUSÃO

O presente estudo buscou identificar as dificuldades processo de amamentação na pandemia da COVID-19. Para isso foi descrito como processo da amamentação no contexto da pandemia, relatou-se os benefícios do aleitamento e o que leva a prática do desmame precoce, e a atuação dos profissionais da enfermagem e os desafios a serem enfrentadas na saúde pública.

Sobre a prática do aleitamento, no contexto histórico observou-se que essa prática é cultural. Além disso, foi relatada a anatomia da mama e o processo da fisiologia que induz a mulher produzir o leite materno, e que essa é uma substância rica em nutrientes que auxilia no processo imunológico do bebê. Ressalta-se que essa prática deve ocorrer de maneira exclusiva até os seis meses, e até os 2 anos ser complementada com demais alimentos.

Entretanto, apesar dos benefícios envolvidos para mãe-bebê, há fatores que contribuem para o desmame precoce. Isso é considerado um problema de saúde pública, pois a redução da prática de amamentar induz no aumento da morbimortalidade infantil. Dentre os motivos que levam, os principais fatores identificados são: alterações emocionais, onde o medo foi a causa apontada pela maioria dos autores e que esse sentimento intensificou com a pandemia. Outros motivos preocupantes são os fatores socioeconômicos, falta de apoio – familiares, cônjuges e profissionais, e ausência de informação sobre as técnicas na prática da amamentação.

Mesmo com todo empenho por parte das equipes de saúde, especialmente dos profissionais da enfermagem, é preciso ainda abranger mais o conhecimento e incentivo a prática do aleitamento materno. Para isso, é fundamental que os profissionais sejam qualificados e saibam ouvir e observar como as lactantes e gestantes pensam e agem. Cabe ainda as autoridades competentes investir mais na criação de políticas públicas, atendendo principalmente aquelas que vivem em situação socioeconômica desfavorecidas; as que se encontram privadas de liberdade; as mulheres que são chefe de família, precisam trabalhar e não possuem apoio de familiares/cônjuges; e as que são mães jovens e precisam retornar aos seus estudos.

Ressalta-se ainda que, com a pandemia houve aumento da desinformação e exposição às *fake news*, o que implicou no comportamento das gestantes-lactantes, aderindo então ao desmame precoce. Isso torna um desafio na saúde pública, em virtude dos impactos gerados para o futuro. Diante disso, é fundamental que tanto os

profissionais da saúde como os órgãos competentes busquem uma melhor efetivação e manutenção do aleitamento materno e reduzam os problemas gerados pelo cenário pandêmico, permitindo uma assistência e serviços de qualidade que favoreçam o bem estar físico e mental das mulheres-gestantes-lactantes-mães.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Antonia Katia Lopes. **Interfaces do aleitamento materno: fatores que influenciam o desmame precoce.** Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual do Maranhão. Coroatá - MA, 2020.
- ARAÚJO, Fiana Kétuli Costa de. 1993 - **Comportamento informacional sobre amamentação: tendências de busca e a consequência no ato de amamentar.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, 2022b.
- ARAÚJO, Franci Waltília Cruz **As estratégias de comunicação do poder público para o enfrentamento da COVID-19 e os modos de pensar e agir dos feirantes em seu ambiente de trabalho.** Dissertação. Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca - Fundação Oswaldo Cruz, 2022a.
- ARRUDA, Catharine Sales. Aleitamento materno: Avaliação em consultas pré-natais, na unidade de referência distrital e regional centro-sul do distrito federal. 2020.
- ANARUMA, Silvia Marina. REPERCUSSÕES DA PANDEMIA DA COVID-19 DURANTE O CICLO GRAVÍDICO PUERPERAL E AÇÕES DE ENFRENTAMENTO. **Revista Ensaios Pioneiros**, v. 5, n. 2, p. 1-19, 2021.
- BRAGA, Raquel Vieira de Castro. O trabalho invisível do cuidado e a emancipação das mulheres no cerne da discussão lactivista. 2021.
- BRANT, Pilar Ataíde. **A conciliação da maternidade com o trabalho da mulher brasileira pós-moderna na (não) manutenção do emprego pós-gestação: o compartilhamento das responsabilidades de cuidado.** Dissertação. Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa – IDP. São Paulo, SP. 2022.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde da criança: aleitamento materno e alimentação complementar / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, **Departamento de Atenção Básica.** – 2. ed. – Brasília: Ministério da Saúde, 2015a. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_crianca_aleitamento_materno_ca_b23.pdf. Acesso em: 05 set. 2021.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Estratégia Nacional para Promoção do Aleitamento Materno e Alimentação Complementar Saudável no Sistema Único de Saúde: manual de implementação / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2015b. 152 p. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/estrategia_nacional_promocao_aleitamento_materno.pdf. Acesso em: 05 mar. 2023.
- CALDAS, Tailanne Araújo *et al.* Benefícios do aleitamento materno exclusivo até sexto mês de vida. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 6, p. e47310616074-e47310616074, 2021.

Práticas de amamentação entre mães adolescentes em Rio Branco, Acre/Breastfeeding practices among adolescent mothers in Rio Branco, Acre/Prácticas de lactancia materna entre madres adolescentes en Rio Branco, Acre. **Journal Health NPEPS**, v. 7, n. 1, 2022.

CASAROTTO, Mariana. **A experiência do “tornar-se mãe” em mães biológicas e em mães adotivas**. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, SP. 2021.

COSTA, Elem Cristina Silva. João Paulo Oliveira de Sousa Costa, Ana Katryne Lopes de Sousa, Linda Inêz Alves da Silva and Adriana Paiva Camargo Saraiva. “Análise da autoeficácia do aleitamento materno em mulheres no pós-parto em um município do interior do Pará–Brasil”, **International Journal of Development Research**, v. 12, n. 01, p. 53212-53218. 2022.

CUNHA, Francisco Costa *et al.* Implicações da SARS-CoV-2 na amamentação. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 15, p. e176101522856-e176101522856, 2021.

DELLALIBERA, Myrcea de Souza Nunes. Aleitamento materno: a construção de um website para apoio, promoção e proteção e proteção.2020.

DEMORI, Carolina Carbonell *et al.* ORIENTAÇÕES DE ENFERMAGEM NA PRÁTICA DO ALEITAMENTO MATERNO EM ALOJAMENTO CONJUNTO. In: **Congresso Internacional em Saúde**. 2021.

DIAS, Ernandes Gonçalves *et al.* Assistência de enfermagem para promoção do aleitamento materno nas Estratégias Saúde da Família em um município do norte de Minas Gerais. **Saúde em Revista**, v. 22, p. 1-12. 2022.

FARIA, Nathalia Teles Leão; FERREIRA, Raíssa de Melo Matos. Prevalência do aleitamento materno exclusivo no brasil e fatores associados ao desmame precoce. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 8, n. 4, p. 474-484, 2022.

FERREIRA, Mônica Lino Pinheiro da Fonseca. **Atitudes das mulheres em relação à amamentação prolongada: um estudo qualitativo**. 2021. Tese de Doutorado.

FERREIRA, Cíntia Almeida. Consultoria de aleitamento materno on-line: proposta ao enfrentamento da pandemia da covid-19. 2021.

FREITAS, Jessika Vieira; BRAZ, Verônika Peixoto; BARBOSA, João de Sousa Pinheiro. Consequências do Desmame Precoce no Aleitamento Materno. **Revista REVOLUA**, v. 1, n. 1, p. 11-20, 2022.

FRANCO, Camila; VADOR, Rosana Maria Faria; CUNHA, Fabiola Vieira. Desafio do enfermeiro frente ao desmame precoce no recém-nascido termo na atenção básica The nurse's challenge in the face of early weaning in the term newborn in primary care. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 3, p. 12353-12369, 2021. Aleitamento materno: dificuldades e complicações que podem levar ao desmame precoce. In: FARIAS, Helena Portes Sava; RODRIGUES, Renata Cristina Bezerra.

LISBOA, M. C. et al. Aleitamento materno: dificuldade e complicações que podem levar ao desmame precoce. In: FARIAS, Helena Portes Sava; RODRIGUES, Renata Cristina Bezerra. **Trabalho em Rede, Saúde e Inovação**. Epitaya E-books, v. 1, n. 9, p. 225-238, 2022. Disponível em: <https://portal.epitaya.com.br/index.php/ebooks/article/view/455>. Acesso em: 02 mai 2023

GAÍVA, Maria Aparecida Munhoz; PALMEIRA, Ellen Whate Moraes; MUFATO, Leandro Felipe. Women's perception of prenatal and delivery care in cases of neonatal death. **Escola Anna Nery**, v. 21, 2017.

GLÓRIA, Wanessa Nobre do Carmo *et al.* Ferramenta de comunicação para promoção do aleitamento materno no contexto da Covid-19. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 12, p. e22111234133-e22111234133, 2022.

HOLANDA, Eliane Rolim de; SILVA, Isabela Lemos da. Fatores associados ao desmame precoce e padrão espacial do aleitamento materno em território na Zona da Mata de Pernambuco, Brasil. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 22, p. 803-812, 2023.

HUAV – Hospital Universitário Alzira Velano. **Iniciativa Hospital Amigo da Criança (IHAC)**. Alfenas, Minas Gerais. 2023. Disponível em: <http://www.huav.com.br/IHAC.asp#:~:text=A%20IHAC%20est%C3%A1%20inserida%20na,mais%2C%20com%20introdu%C3%A7%C3%A3o%20de%20alimenta%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 05 mar. 2023.

INCA - Instituto Nacional de Câncer. José Alencar Gomes da Silva. Coordenação Geral de Prevenção e Vigilância. Divisão de Detecção Precoce e Apoio à Organização de Rede. **A mulher e o câncer de mama no Brasil**. / Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva, Coordenação Geral de Prevenção e Vigilância, Divisão de Detecção Precoce e Apoio à Organização de Rede – 3. ed. rev. atual. Rio de Janeiro: INCA, 2018.

LACERDA, S. D. L.; BATISTA, K. E. S.; OLIVEIRA, C. K. C. Enfermagem na assistência à puérpera com dificuldades de amamentar: revisão de literatura. **Brazilian Journal of Development**. Vol 6. N. 11. 2020. ISSN: 2525-8761. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.34117/bjdv6n11-587>. Acesso em: 14 set. 2021.

LIMA, Ema Cardoso de Andrade; ALMEIDA, Éder Júlio Rocha. Aleitamento materno: Desafios enfrentados pela parturiente no processo de amamentação. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 11, p. 87188-87218, 2020.

LODI, Jucilene Casti *et al.* Planejamento e gestão estratégica de um grupo de incentivo ao aleitamento materno em tempos de COVID-19. **Revista Internacional de Extensão da UNICAMP**, v. 1, n. 1, p. 44-52, 2020.

LUCCHESI, Ingrid *et al.* Contato pele a pele e amamentação na primeira hora de vida em tempos de COVID-19. **Rev. enferm. UERJ**, p. e61623-e61623, 2021.

MAGALHÃES, Maria Simone de Sá; BARROS, Marcela Milrea Araújo. Práticas de enfermagem de promoção à amamentação exclusiva na perspectiva da gestante na atenção primária. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 15, n. 7, p. e10639-e10639, 2022.

MENEZES, Tatiane Nascimento *et al.* Educação em saúde na atenção primária em tempos de covid-19: uma experiência no agosto dourado. **Interfaces Científicas-Saúde e Ambiente**, v. 8, n. 3, p. 294-304, 2021.

MINAYO MCS. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 34^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014

MIRANDA, Mayara Masias; NETO, Ubiratan Ribeiro Martins. Desenvolvimento de infográficos sobre a importância do aleitamento materno Development of infographics on the importance of breastfeeding. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 9, p. 88517-88535, 2021.

NASCIMENTO, Laura Catarine da Costa *et al.* A prevalência do aleitamento materno exclusivo e os fatores causais para o desmame precoce na cidade de Imperatriz/MA. **Research, Society and Development**, v. 12, n. 1, p. e3612139233-e3612139233, 2023.

NOGUEIRA, Ana Paula Silvestre Ferreira *et al.* Incentivo ao aleitamento materno na atenção primária a saúde Encouragement of breastfeeding in primary health care. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 8, p. 82961-82969, 2021.

OLIVEIRA, Lais Gabriele Rosa de. **O retorno da mãe ao trabalho: os conflitos internos e externos de trabalhadoras no retorno ao trabalho durante a pandemia da COVID-19**. Universidade de Taubaté. Taubaté, SP. 2020.

OLIVEIRA, Patricia. **Contributos do Enfermeiro Especialista de Saúde Materna e Obstétrica na capacitação da mulher para o sucesso da amamentação**. 2022. Tese de Doutorado.

OLIVEIRA, Tais Rosa de. **Dificuldade no aleitamento materno nos primeiros dias de vida do recém-nascido**. Hospital das Clínicas de Porto Alegre, Porto Alegre. 2020.

SILVA, Bianka Sthefany *et al.* A amamentação em tempos da COVID-19: uma revisão narrativa. **Nursing (São Paulo)**, v. 24, n. 277, p. 5793-5802, 2021.

PÁJARO, Quitéria da Silva. **Estratégias em circunstância iminente de desmame precoce na perspectiva de uma linha de cuidados humanizada, em uma unidade de saúde da família do Município de Santos**. Universidade Católica de Santos. Santos, SP. 2021.

PRUDÊNCIO, Jeysiéle Ramos; MADEIRA, Juliana. **Promoção, proteção e apoio ao aleitamento materno em equipes de saúde da família do município de Içara**. Santa Catarina. 2021

SANTOS, Márcia Vieira dos *et al.* Cartilha de amamentação nas instituições prisionais: iniciativa para promoção, proteção e apoio. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 75, 2022.

SILVA, Flávia Moraes Pacheco *et al.* Aspectos culturais relacionados ao aleitamento materno exclusivo em puérperas atendidas em alojamento conjunto. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 15, n. 2, p. e9485-e9485, 2022a

SILVA, Clariana Falcão *et al.* **Implicações do contexto da pandemia da Covid-19 na prática do aleitamento materno na atenção básica: percepções das mulheres lactantes**. Dissertação. Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa, PB. 2022c

SILVA, Lilian Atalaia; ATANASIO, Ana Cíntia Campos de Oliveira; LOURENÇO, Glênia Gomes. Efeitos da laserterapia em fissuras mamilares de lactantes evitando o desmame precoce. **Revista Eletrônica Estácio Saúde**, v. 11, n. 1, 2022b.

SILVA, M. B. de C. *et al.* Fatores associados ao surgimento de traumas mamilares em nutrízes. *Revista Artigos. Com*, v. 24, p. e5780, 31 dez. 2020a. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/artigos/article/view/5780>. Acesso em: 08 nov. 2021.

SILVA, Laianny Luize Lima. Saúde integral na primeira semana de vida do recém-nascido: inquietação de uma enfermeira. 2020b.

SIQUEIRA, Rafaela Prado. **Autoeficácia em exercer a amamentação e a associação com raça, renda e escolaridade**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. 2020.

SOUSA, M. R. M. **Fatores associados aos óbitos infantis evitáveis nos anos de 2000, 2010 e 2020: estudo brasileiro de base populacional**. 2023. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Medicina de Botucatu, Universidade Estadual Paulista, Botucatu, 2023.

SOUZA, ANTONIO FABIO. **Aleitamento materno: Motivo e Consequência do Desmame Precoce**. Centro Universitário Doutor Leão Sampaio. Juazeiro do Norte-CE, 2021

TACLA, M. T. G. M. *et al.* Reflexões sobre o aleitamento materno em tempos de pandemia por COVID-19. **Revista Da Sociedade Brasileira de Enfermeiros Pediatras**, v. 20, p. 60-76, 2020.

THEODORO, Giovana Raissa de Moraes. **Impacto da pandemia da covid19 na prevenção do desmame precoce**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) –, curso de Enfermagem, Fundação Educacional do Município de Assis – FEMA. Assis, SP. 2022.

TIVANE, Jéssica Francisca William. **Influências e dinâmicas socioculturais do processo de amamentação e doação do leite materno no Grande Maputo**. Universidade Eduardo Mondlane. 2022.

UNASUS – Universidade Aberta do Sistema Único de Saúde. Ministério da Saúde.
Pesquisa inédita revela que índices de amamentação cresceram no Brasil.
2020. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/pesquisa-inedita-revela-que-indices-de-amamentacao-cresceram-no-brasil#:~:text=Foram%20avaliadas%2014.505%20crian%C3%A7as%20menores,quatro%20meses%2C%20de%2060%25> . Acesso em: 08 mar. 2023.